

Dólar em baixa, *economia - Brasil* juros em alta

MOEDA DOS EUA FECHA A R\$ 2,744, MENOR COTAÇÃO DESDE JUNHO DE 2002. TAXA MÉDIA COBRADA POR BANCOS PASSOU DE 45,6% EM OUTUBRO PARA 45,1% EM SETEMBRO

Fotos: Gustavo Moreno

O dólar comercial registrou ontem novo dia de baixa, ainda que modesta, com a expectativa de novas captações externas e do otimismo na avaliação do risco brasileiro. O dólar comercial finalizou o dia cotado a R\$ 2,744, em retração de 0,39% sobre o fechamento anterior. Foi a menor cotação desde 19 de junho de 2002.

A taxa de risco-país caiu 0,46%, para 426 pontos. A cotação do título da dívida soberana C-Bond, outra referência de risco-país, subiu 0,12%. Existe a expectativa de que a taxa de risco caia abaixo dos 400 pontos nos próximos dias, o que anima o mercado a esperar uma nova onda de captações privadas no exterior.

Até o momento, profissionais de mercado ainda descartam uma intervenção do BC para aproveitar o preço da moeda norte-americana e recompor as reservas. O motivo citado é o mesmo: o combate à inflação continua prioridade e as projeções econômicas ainda sinalizam indicadores muito altos para 2005.

A alta do IPCA-15 em novembro foi um dos destaques do dia, já que o número (+0,63%) veio acima das expectativas do mercado (0,56%), assim como o "nú-

cleo" (que exclui os preços mais voláteis), que subiu 0,60% ante projeção de 0,56%. O índice serve de prévia para o IPCA, a referência do governo para as metas de inflação e mostrou o custo de vida ainda pressionado pelos preços dos combustíveis.

Os indicadores inflacionários ganham importância ainda maior nesta semana. Depois de amanhã, o BC divulgará a ata do Copom (Comitê de Política Monetária) que vai tra-

zer as justificativas para a elevação da taxa básica de juros em 0,5 ponto percentual.

Muitos economistas destacam a retirada do termo "moderado" no comunicado pós-reunião, quando os membros do Comitê qualifi-

cam o ritmo de crescimento econômico. Para alguns analistas, esta supressão ratifica a idéia de aceleração dos ajustes da taxa Selic. Acompanhando a tendência de alta refletida pela Selic, os bancos elevaram a taxa média de juros cobrada de consumidores e empresas de 45,1% em setembro para 45,6% em outubro, segundo pesquisa mensal divulgada ontem pelo Banco Central.

No mês passado, o Copom intensificou o aumento da taxa básica de juros da economia brasileira (Selic), que serve de referência das taxas bancárias. Após elevar os juros em 0,25 ponto percentual em setembro, o BC aumentou a Selic em 0,5

ponto em outubro. Ambas as altas encarecem os custos de captação de recursos pelos bancos e isso acaba sendo repassado para o tomador final. Este mês, o Copom voltou a elevar os juros em 0,5 ponto, para 17,25% ao ano.

Os juros cobrados de pessoas jurídicas (empresas) foram os que mais cresceram em outubro, passando de 30,4% ao ano para 31,1%. Segundo o BC, essa elevação foi causada pelo aumento nos juros de operações de crédito com juro prefixados e de empréstimos vinculados à variação cambial.

Para a pessoa física, a taxa média ficou estável em 63,2% ao ano.

O que tem segurado os juros pagos pelo consumidor é o empréstimo consignado – desconto em folha de pagamento –, segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes. Nessa modalidade, a taxa média é de 39,1%.

A taxa média nos financiamentos para aquisição de bens – com exceção de veículos – subiu 0,8 ponto percentual no mês passado, para 61,4% ao ano, e no cheque especial, a alta foi de 0,5 ponto, para 141,1% ao ano. (Agência Folha)

